



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 2, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.  
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.  
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://doi.org/10.29380/2020.14.02.18>

Recebido em: **07/08/2020**

Aprovado em: **07/08/2020**

Memórias dos invisíveis registros iniciais de uma pesquisadora conversadora

DANIELE DE OLIVEIRA GARCIA

<https://orcid.org/0000-0001-6182-5792>

Este artigo apresenta parte do processo de escrita – ainda em curso - da pesquisa de doutorado, intitulada “Memórias dos invisíveis: experiência escolar de lavradores na região de Itapetininga/SP”, desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, linha de Pesquisa Cotidiano Escolar; em especial, a partir das reflexões do grupo de estudos “Perspectiva Ecologista da Educação”, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Reigota. Os textos registrados neste artigo foram apresentados, na forma de seminários, aos colegas do grupo de pesquisa. Como parte de tese de doutorado e conseqüentemente da história de vida escolar da pesquisadora (filha de lavradores do interior de São Paulo) e partindo da concepção de Spink (2008), do Pesquisador Conversador, a intenção é ouvir os lavradores (caipiras, esquecidos...) a fim de trazer suas memórias/histórias à tona, com a relevância que lhes é devida. A intenção primeira desta fase da pesquisa é entender como as memórias destas pessoas vêm à tona, partindo da ideia de que não somente o relato por meio do texto verbal – oral ou escrito - é capaz de externá-las, mas, também e, sobretudo, os objetos, as impressões, as imagens e sabores, podem evidenciar memórias com igual potencial comunicativo. Para este artigo contribuíram as reflexões de Bosi (1979), Frochtengarten (2005) e Candido (2017). Os textos aqui apresentados foram escritos no formato de contos e permeados pelas reflexões teóricas subjacentes.

## 1. Introdução: Memórias, sabores, aromas: as “perigosa maça”.

Cachorros latindo longe

Ouvindo a vida passar

Fruta madura no cacho

Gostinho bom de apanhar

mangaba mana abacate

Água na boca araçá

Sabiá de laranjeira

Tu bicaste o meu melão

A fruta mais brasileira

Mais uva mais fruta-pão

Ai Luíza, "as perigosa" maçã

Enfeitiça o bico do arapuã

Não se aduma ao gosto do avelã

Ainda melhor cheira a anajá

Ou Tororoma ou jatobá

(As perigosas. Josias Sobrinho)

*A composição de Josias Sobrinho transmite a sensação de apreciar a vida, a natureza e a calma do universo caipira, a casa de onde eu venho... Tão bom e calmo que nada mais bastaria... Mas, Luiza... "As perigosa maçã enfeitiça". As maçãs, da árvore do conhecimento do bem e do mal... Agora, não há mais saída.*

É bem cedo. No sítio São José, bairro Sabiá-Una, o tempo parece caminhar lento. Os netos com suas canecas de cerâmica formavam fila ao lado do curral para “tirar o leite da vaca”. Na cozinha, a vó preparava o tradicional “arroz com frango caipira”, o mesmo frango que o vô tinha matado com um puxão voraz no pescoço. Lembro-me da corrida para caçar a pobre galinha escolhida – a “mais viçosa” - do estalo ao puxar do pescoço e do cheiro forte da água fervente ao “depenar” da ave. O almoço especial para os netos era sempre o arroz com frango.

Depois de comer, íamos todos brincar no terreiro. Pegar laranjas do pomar ou deitar na rede ouvindo o canto dos pássaros. Estas memórias constituem parte de quem eu sou, do meu universo caipira, que

nunca sairá de mim.

Meu pai cresceu no Sítio São José, em um bairro próximo à cidade de Itapetininga, no interior de São Paulo. Meu avô tinha o sítio e cultivava verduras e legumes para vender na feira, na cidade. Meus avós, paternos descendentes de imigrantes italianos.

Minha avó, D. Vicentina era de poucas palavras, muito séria e brava. Não me lembro de ela conversar ou olhar para nós, crianças. Meu avó, Sr. Antônio, era mais sociável. Pendurava o chapéu em um prego estrategicamente afixado na parede da cozinha, sentava-se à beira da porta, arrumava seu cigarro de palha e, entre um trago e outro, discorria longamente sobre as histórias do mato: da mãe d'água que tinha visto, do saci, que amarrava as crinas dos cavalos.

Meus pais e tios trabalhavam lá. Quando meu pai chegou aos 15 anos, decidiu-se que estava “na hora de casar”. Então, fora apresentado à Dona Nirce, minha mãe, que morava em um sítio na cidade de Guareí, sua família descendente de escravos. Dona Nirce já era apaixonada por outra pessoa, mas como meu pai era “trabalhador e de boa família”, foi prometida a ele. Tinha 14 anos, à época.

Meu pai estudou até o quarto ano. Minha mãe, até o terceiro. As meninas precisavam ajudar a mãe nas tarefas da casa. Meu pai caminhava bastante para chegar à escola, lembra-se que gostava de História, Geografia, Matemática... Mas achava a Gramática difícil.

Na casa dos meus avós, longe da “cidade”, que não era tão grande assim, mas já tinha mais asfalto do que grama, seguíamos nossa vida. Meus irmãos mais velhos, trabalhando...eu, a mais nova da casa, tinha a missão de “estudar e ser alguém na vida”.

Gostava muito da escola, mas me entediavam as atividades repetitivas. Não conseguia fazer uma bolinha com papel crepom e colar perfeitamente e com capricho na folha de papel. Quantas vezes saí chorando da aula de matemática?

Mas gostava dos momentos de leitura... Quando a professora tomava o livro e nos lia com tanta delicadeza, deglutindo as palavras, que chegavam até mim de maneira transformadora. As palavras sim, poderiam mudar o mundo.

Minha mãe lavava roupa “para fora”, passava o dia entre a cozinha e o tanque. Quando não estava em casa, ajudava a contar as dúzias de roupa, que era a maneira que ela usava para cobrar dos fregueses. Poucos cruzeiros a dúzia. E nos sacos de roupa, peças de grife, que precisavam de todo o cuidado. Era roupa de “doutor” e, por isso, D. Nirce lavava e passava tudo com uma devoção que é difícil descrever. Ela sempre contava: agora tempos tanque, é tudo mais fácil. Quando morava no sítio, lavava as roupas no rio. Era uma trabalhadeira.

Meu pai trabalhava fora de casa. Era vigia em uma empresa de ônibus. Eu ficava sempre esperando ele voltar para me ajudar nas tarefas de casa, mas nem sempre dava tempo. Mas sempre me dizia: você precisa estudar, minha filha.

Sou a última filha, de uma família com 6 irmãos. Dois homens e 4 mulheres. As palavras “escola”, “educação” sempre transitaram em minha vida com uma aura libertadora. E por que hoje conto a minha história, quando deveria estar, na verdade, apresentando um projeto, fruto de uma reflexão teórica e metodológica consistente?

Não consigo dissociar a pesquisa da vida. Tampouco acredito na academia que cede espaço apenas aos “colonizadores”. A academia também é nosso espaço. Nas memórias dos meus pais, dos meus avós, dos meus tios, busco ouvir às memórias escolares dos trabalhadores da roça do interior de São Paulo. Mas não posso falar sozinha, por mim. Então, estabeleço diálogos, imaginando que também eu me sento no batente da porta, penduro o meu chapéu e adentro nas histórias de pesquisas que dialogam com a minha.

Meu primeiro diálogo é com Ecléa Bosi, em especial com sua obra *Lembranças de Velhos*, escrita em 1979, como resultado de sua tese de livre-docência, defendida na Universidade de São Paulo:

Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória? Estaremos sós quando nos afastamos de todos para melhor recordar? Quando entramos dentro de nós mesmos e fechamos a porta, não raro estamos convivendo com outros seres não materialmente presentes. A alma escolhe sua companhia, antes de fechar a porta (BOSI, 1983, p.330).

A questão que vem à tona se refere à memória coletiva, que, por ser coletiva, não é capaz de dar conta de todos os fatos e de lembranças individuais. “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão” (BOSI, 1983, p. 331). As lembranças que guardamos, os fragmentos, passam a fazer parte de relatos, que, muitas vezes, ouvimos dos outros, não sendo, portanto, de fato, a nossa história: “de uma vibração em uníssono com as ideias de um meio passamos a ter, por elaboração nossa, certos valores que derivaram naturalmente de uma prática coletiva (BOSI, 1983, p.331); desta maneira, então, Ecléa pode dar voz aos indivíduos, velhos, à margem do universo “utilitário” do trabalho, ao ouvir suas versões do que viveram.

No prefácio da obra, estão as arguições de João Alexandre Barbosa e Marilena Chaui, feitas durante o momento da banca. O primeiro, relaciona a temática defendida por Ecléa com a Pedagogia de Oprimido, de Paulo Freire:

(...) quando se fala de uma pedagogia do oprimido (Paulo Freire) o endereço tem nome certo: trata-se de uma pedagogia que possa dar conta de uma situação precisa, no universo das relações sociais, de uma certa camada da população subjugada pela dependência. Opressão: dependência”. (BARBOSA, in BOSI, 1983, p. XII)

Para desenvolver seu estudo, Ecléa visitou pessoas que tinham em comum a idade superior a 60 anos e o espaço – Cidade de São Paulo. Para ela, era necessário ouvir os sujeitos da história, a fim de trazer à tona o que foi lembrado como instrumento para perpetuar o que viveram, em um universo particular, mas que, se considerado como parte de um contexto maior, constituem-se como partes essenciais para resgatar os diferentes pontos da mesma história. Para ela, “os livros de história registram fatos que também são um ponto de vista, versão do acontecimento, não raro desmentido com outros pontos de vista” (BOSI, 1983, p.02). Assim, em toda a obra, o que se encontra são registros de histórias, memórias, de relatos impregnados do “olhar do outro”. Ainda que pareçam fragmentos, desconexos, vão ganhando corpo e substância, à medida em que se posicionam como espaço de falar e de ser ouvido.

São relatos diversos, de homens e mulheres: costureiras, lavradores, operários, que migraram para São Paulo e lá constituíram suas vidas. As histórias, por vezes, anedotas, como as lembranças do Sr. Antonio, de família de imigrantes, ou de D. Alice, que conta, lembra e agradece: “Quem diria que um dia ia abrir o livro da minha vida e contar tudo? E agradeço por isso: é bom a gente lembrar. Deus te abençoe”. (p.76).

A partir das leituras, depois de dialogar com muita gente, ouvir as pessoas e registrar suas memórias. Não consigo, neste momento, prever os caminhos que minha pesquisa irá tomar, uma vez que não está fundamentada em uma metodologia estanque ou pré-determinada: ela nascerá, à medida que os relatos surgirem e, como registro, se tornará pesquisa de vida. O presente artigo, apresenta um dos momentos da pesquisa: permeado pelo desejo de ser uma pesquisadora conversadora, Spink (2008),

apresenta histórias e lembranças, que embora simples, anseiam ser capazes de gerar identificações, lembranças, olhares atentos aos que, aparentemente, encontram-se invisíveis.

## 2. Conto 1: O papel vegetal

Quando eu tinha cerca de 9 anos, tive um professor de Geografia que gostava de pedir o desenho de mapas como tarefas. Talvez ele tivesse uma parceria com um senhor que vendia Atlas na Escola. O fato é que ele sempre nos fazia decorar a localização dos países, estados e capitais e, em seguida, copiar o desenho do Atlas em uma folha de papel sulfite.

Eu não era muito habilidosa com os traços finos, tinha pouca paciência para decorar os nomes e, ainda, tinha 10 graus de miopia, que me impediam de enxergar bem as “letrinhas miúdas” do Atlas recomendado. Várias vezes tirei notas baixas nesta atividade.

Minha mãe não me perguntava sobre a escola, mas, vez ou outra, abria o meu caderno e olhava os recados dos professores. No caderno de Geografia, havia uma recomendação “fazer a tarefa com mais capricho”. Então, depois de dar uma bronca, ela quis me ajudar: “precisa fazer direito a lição”.

Eu expliquei a situação a ela, com o máximo detalhes que consegui e, depois de pensar, ela chegou a uma conclusão: “seu pai tem olho bom, peça ajuda a ele”.

Desde então, sempre que tinha tarefa de Geografia, recorria a meu pai. A recomendação era sempre a mesma: “compre papel vegetal na lojinha da rua de trás, que quando o pai voltar do serviço, ajuda você”.

Então, eu ia feliz para a loja da “Rosinha” comprar o papel. A tarefa se repetia tantas vezes, que chegou um momento em que a Rosinha já sabia o que eu ia comprar antes mesmo de eu dizer: “quantas folhas de papel vegetal?”.

Meu pai sempre chegava à noite do trabalho. Depois da janta, a gente limpava a mesa da cozinha e eu ia buscar o Atlas e o papel vegetal. Então, meu pai apertava os olhos e ia copiando as linhas do mapa. Enquanto copiava, ia comentando curiosidades sobre os países e dizendo os estados, as capitais, sem ler as letreirinhas miúdas. Minha mãe achava graça “o Zé quer se fazer de sabido, o que ele sabe da Europa, se nunca foi lá?”.

Ele ficava um pouco bravo, mas, na sequência, voltava a desenhar. Enquanto desenhava, lembrava de outras curiosidades. Meu pai estudou até o terceiro ano primário, mas eu o achava muito “sabido”. Ele tinha uma memória muito boa para nomes e para caminhos. Lembro-me que ele descrevia lugares com uma riqueza muito grande de detalhes: uma narrativa quase que fotográfica.

Quando terminava o desenho, ele soletrava os nomes que eu deveria escrever: “a letra do pai é feia”. Então, eu contornava tudo com canetinha preta e pintava bem bonito. Agora gostava muito das tarefas de Geografia. Meu professor, estranhou a repentina mudança, mas eu não sabia enganar: “meu pai está me ajudando com as tarefas, professor”.

O papel vegetal nos ajudava a copiar o desenho do Atlas exatamente como ele era. Um papel transparente, fininho, que permitia que a gente, da mesa da cozinha, viajasse pelo contorno dos países desenhados no Atlas. Mais que a atividade de copiar o desenho, interessavam a mim, as narrativas do meu pai, que mesclavam informações e fantasia, memórias esparsas e fatos.

Hoje, com 33 anos, penso que as atividades de Geografia foram mais importantes para o meu pai do que para mim: ora, eu não consegui desenvolver a habilidade de desenhar mapas, muito menos decorei todas as capitais. Mas o meu pai ainda lembra que podia me ajudar com as tarefas, mesmo diante de todas as suas “limitações”. E ele se lembra “eu era muito bom em Geografia, cheguei a ter

a melhor nota da turma”.

### **3. Reflexão: Como contar histórias?**

Mas como contar estas histórias de maneira a contemplar não somente o olhar das memórias e do “ficcional”, como transformar as histórias em material de pesquisa?

Quando pessoas que se definem como pesquisadores se encontram – sejam elas psicólogos, sociólogos, biólogos, historiadores ou qualquer outro – eles normalmente se perguntam mutuamente sobre suas respectivas áreas de estudo. Quando alguém responde, por exemplo, que está trabalhando com as maneiras diferentes em que as declarações e estatutos internacionais e nacionais sobre as crianças e adolescentes discutem as crianças e os adolescentes (Bertuol, 2003), está também arguindo que este é um tema importante e, simultaneamente, se posicionando dentro da temática. (SPINK, 2008, p.73)

Assim, ao dizer que meu tema são as memórias dos trabalhadores rurais do interior de São Paulo, que essas pessoas são objetos de minha tese, estou destacando a relevância deste tema e, ao mesmo tempo, estabelecendo o meu posicionamento: é necessário ouvir o que eles dizem para que eles não “se percam”. E como coletar e registrar estas memórias?

Peter Spink, ao apresentar o conceito de “pesquisador conversador”, coloca as situações do cotidiano e os “lugares” como possíveis espaços de pesquisa. Mas ele, pesquisador, não se situa somente um observador ou analista dos espaços, ele, sim, coloca-se no lugar das conversas ele, ou seja, ator do diálogo, daquilo que se pode registrar não como entrevista convencional, por vezes, intimidadora.

Observei que, ao pedir que meu pai me contasse sobre suas memórias da escola[1], gravando a conversa com o celular, ele foi até o banheiro, penteou o cabelo, ajeitou a roupa, sentou-se à beira da cama e teve todo o cuidado com o vocabulário. A imagem captou, portanto, uma comunicação, de certa forma, planejada, ainda que eu não tenha usado equipamentos profissionais para captar as imagens: a “entrevista” tem uma aura diferente. Observei, no entanto, que, quando desliguei o som e fui perguntando a ele (sem cuidar também do meu sotaque e da linguagem formal) a narrativa fluiu de maneira mais espontânea.

Assim, poderia inferir que, para adentrar as narrativas de pessoas tão simples como o meu pai, não poderia fazer de outra forma, se não como pesquisadora conversadora.

Então, neste ponto, outra reflexão vem à tona: a ideia de lugar e “micro-lugar”, também apresentada por Spink (2008):

A ideia de um micro-lugar é uma ideia figurativa ou metafórica mais do que uma definição objetiva (Menegon & Spink, 2005). Seu propósito é de chamar atenção para a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem. (p.70)

No texto do “Papel Vegetal”, apresenta-se um relato a partir de um objeto: o papel vegetal. Este tipo de papel adquire status e características diferentes de acordo com o contexto em que ele é utilizado: por exemplo, o papel vegetal pode revestir um convite de casamento, o que o torna, nobre e solene...Ele pode servir como suporte de projetos de engenharia, ou ainda ser usado para copiar os mapas, como eu fazia quando era criança. O suporte papel, portanto, é diferente para cada contexto. E, sendo transparente, permite: observar o outro lado ou, ainda, copiar o que está nele. Como pesquisadora, ao contar as histórias, estaria conversando sobre as narrativas e, ao mesmo tempo, fazendo uso do “papel vegetal”?

#### **4. Reflexão: Histórias da infância**

Manoel de Barros em seu “Memórias inventadas”, tentou escrever uma trilogia sobre os “estágios” de sua vida – infância, juventude e velhice – mas acabou percebendo que nunca deixara de ser criança e, assim, aboliu a ideia de biografia temporal e escreveu “A primeira infância”, “A segunda infância” e a “Terceira infância”.

Na mesma trilha, Frochtengarter (2005), em seu “Memórias de vida, memórias de guerra”, lembra o que Eclea Bosi escrevera sobre a “largueza da infância”: “a infância costuma ser larga, composta por ampla gama de nuances afetivas das pessoas e dos lugares” (p.170).

No conto registrado a seguir, escolho faz a apresentação de um trecho especial de minha infância, descrevendo a cena e, na sequência, os objetos marcantes de seu cenário. Ao contar um evento pessoal busco deslindar as entrelinhas das minhas próprias memórias, buscando, por meio delas, ouvir as pessoas com as quais gostaria de conversar novamente, mas que já faleceram, mas deixaram algumas fotos, objetos e alguns fatos que guardei em minha memória.

#### **5. Conto 2: O chapéu, o facão e a íngua.**

Eu devia ter uns 7 anos quando fui, repentinamente, acometida por uma dor de ouvido terrível. Foram várias idas ao médico, compressas quentes e noites em claro. Em uma destas noites, minha mãe observou uma protuberância abaixo de minha orelha direita. “Uma íngua”, ela disse, com tom de voz preocupado. Noutro dia, cedinho, arrumou nossas coisas, chamou uma carona e fomos para o sítio de meu avô. “Precisa benzer”.

Meu vô era conhecido por ter herdado de seu pai “o dom do benzimento”. Para o ato, ele usava um facão velho e uma espécie de bandeja cheia de cinzas. Dizia-se que “Nhô Antônio” já havia curado várias crianças. Mas ele era muito discreto. Pouco falava dos benzimentos e escondia debaixo da cama os materiais que utilizava.

Nesta manhã chegamos ao sítio e ele estava tirando leite. Era “dia de semana” e como não costumávamos ir para lá nestes dias, meu vô sabia que precisaríamos dele. Pediu que esperássemos na cozinha, que ele já chegava.

Na cozinha minha vó preparava café para as visitas. Abriu o armário e puxou, lá do fundo, um saco de bolachas doces, que colocou em um pote em cima da mesa. “Coma fia”. Essa era especial para as crianças.

Logo, Nhô Antônio chegou com um latão de leite quentinho. Limpou os sapatos, tirou o chapéu. “Peça bença”, disse minha mãe. Enquanto tomava café com leite observava o chapéu de palha pendurado no prego atrás da porta. Este chapéu sempre estava com meu vô, nos ambientes externos. Mas, ao entrar na casa, ou cumprimentar as pessoas, ele sempre tirava o chapéu e abaixava-se em sinal de respeito. Deixava à mostra o cabelo branquinho e ralo, mas tão lisinho que até caía em seu rosto ao abaixar a cabeça, por isso, na sequência ele sempre arrumava o cabelo com os dedos.

“Nhô Antônio, a menina está com uma íngua no ouvido, não tem dormido à noite”, disse minha mãe preocupada, enquanto meu avô degustava uma das bolachinhas doces das crianças. “Vamos benzer a menina”.

Terminado para o café fomos ao terreiro e o vô foi para o quarto. Saiu de lá com a bandeja grande cheia de cinzas e o facão, ainda dentro da bainha. Eu tinha um pouco de medo, lembrava-me de outras vezes que tivera que passar pelos benzimentos. O ruído da bainha de couro deslizando no corpo do facão era assustador.



Neste dia, antes de começar o ritual, ele veio examinar o meu ouvido. “É íngua mesmo e das grandes”. Tirou facão da bainha e começou a desenhar uma cruz com ele, na bandeja de cinzas. Enquanto fazia o desenho, recitava algo que eu não conseguia entender, mas me esforçava bastante para fazê-lo. Ele falava rápido e baixinho, mas eu achava muito bonito.

Em certo ponto das orações, ao final de cada verso, repetia “íngua” e eu só conseguia entender esta palavra... Foram uns 15 minutos, ou menos, mas eu achava que os benzimentos sempre demoravam. Quando terminou, ele pegou um pouquinho da cinza e espalhou abaixo do meu ouvido. “Precisa cuidar do mal olhado, essa menina tá com quebranto”.

No meu olhar era, ao mesmo tempo, místico e assustador. Com 7 anos, não entendia muito bem e sempre que precisava benzer, achava que estava muito doente. Não sabia o que era “quebranto”, mas sabia que minha mãe amarrava no meu braço, todo ano, uma fitinha vermelha de Nsa. Aparecida para acabar com o tal.

Não me lembro do resto daquele dia. Mas lembro que dois dias depois, a íngua havia sumido.

### **O chapéu.**

Meu vô tinha dois chapéus, ambos de palha. O mais novo usava para ir à cidade fazer compras e o mais velho o acompanhava na roça, enquanto cuidava da plantação e dos animais. O chapéu mais antigo era o “companheiro das aventuras”, objeto indispensável para proteger do sol forte na roça.

Todos os homens da casa tinham chapéu, mas meus tios, mais novos, já usavam bonés. Os bonés, apesar de mais modernos, tinham a mesma função: proteger do sol. Eles também eram tirados para cumprimentar as pessoas e entrar na casa, em sinal de respeito.

Quantas histórias um chapéu pode contar?

### **O facão**

Na casa do meu vô havia vários facões. O maior deles era guardado embaixo da cama – para espantar os ladrões – embora nunca tivesse sido usado para este fim. Outro ia para a roça, caso encontrasse alguma cobra ou animal perigoso pelo caminho.

O facão desta história é o que fora herdado de gerações anteriores e sempre fora usado para os benzimentos. Era um facão pesado e bonito.

Quantas histórias um facão pode contar?

## **6. Considerações finais**

Como parte de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, é fato que o presente artigo apresenta, ainda, algumas lacunas, que devem ser preenchidas (ou, talvez, ampliadas?) na continuidade da escrita da tese. Cabe, neste momento, destacar que o formato do texto – mesclando acadêmico e literário – deve-se à intenção de dialogar com as memórias de maneira que elas sejam retratadas mais como memórias relevantes e menos como “metodologias ou objetos de estudo acadêmico”, tão somente. Não que não o sejam, pelo contrário: é necessário trazer à academia o fazer acadêmico para além do que é considerado hegemônico, justamente porque, também a academia é espaço dos esquecidos!

Assim, as memórias do meu pai e das pessoas que viveram o mesmo cotidiano escolar que ele viveu, precisam vir à tona para gerar identificações, e também, para provocar reverberações: contar histórias da escola rural do bairro Sabiá-Una[2] - apenas como representação dos demais “invisíveis” - não

com dados que encontramos nos livros e nos cartórios de registros, mas com histórias dos personagens que (con)viveram naquele espaço escolar e que constituíram suas famílias perto dali. Seguiremos adiante, com pausas e partilhas.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo: Edusp, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **Memórias de vida, memórias de guerra**. São Paulo: Perspectiva, Fapesp-SP, 2005.

SOBRINHO, Josias. **As perigosas**. São Paulo: Gravadora: CPC Umes, CD, 2015.

SPINK, Peter Kevin. **O pesquisador conversador no cotidiano**. *Psicologia & Sociedade*; 20, Edição Especial: 70-77 2008

---

[1] Link do vídeo das memórias do meu pai:  
<https://www.youtube.com/watch?v=2c22DDKW2Yo&t=230s>

[2] Sabiá-Una: Bairro rural da cidade de Itapetininga, interior de São Paulo.

**Doutoranda em Educação (Uniso). Mestre em Comunicação e Cultura. Graduada em Letras e Design. (daniele.oliveira@prof.uniso.br)**